

Coordenadas epistêmicas da psicologia moderna na formação do psicólogo

Epistemics coordinates of modern psychology for formation of psychologist

Ricardo de Barros Cabral

Docente. Departamento de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Brasil.

RESUMO

O presente artigo expõe as coordenadas epistêmicas da psicologia moderna. Entre a metafísica e a física-matemática, é demonstrado o quanto essa disciplina pretende se estabelecer para além de uma trama de conceitos filosóficos, racionalistas ou empiristas. Entre uma concepção clássica de conhecimento e a atividade científica moderna, a psicologia constitui-se com um problema: como atender à exigência de verificação quando se trata do que não é físico? De fato, esse rompimento levou a uma desconsideração do psíquico como tal para privilegiar a observação do comportamento. Devido aos impasses desta solução radical, as questões retornam sob um pretenso "novo" paradigma nas ciências cognitivas, que, em verdade, repetem o velho projeto de redução dessa dimensão ao físico ou à física, ao adotar como modelo a inteligência artificial. O que se pretende mostrar é a fragilidade dessas suposições quando confrontadas com as questões mesmas do cotidiano, justamente por ignorá-las em seu alcance e em sua dimensão próprios. Conclui-se que o discernimento destas coordenadas é fundamental na formação do psicólogo.

Palavras-chave: Psicologia, Cientificidade, Epistemologia, Formação.

ABSTRACT

The present paper exposes the epistemic coordinates in modern Psychology. Situated between Metaphysics and the Mathematical-Physics, it is demonstrated how much this discipline intends to establish itself beyond a web of philosophical concepts, either rationalist or empirist. Between a classic conception of knowledge and the modern scientific activity, Psychology constitutes itself with a query: how can it attend to the demand of verification while dealing with something that is not physical? In fact, that rupture conduced to a disregardment of the psyche itself in order to privilege the observation of behavior. Due to the stalemates of this radical response the questions return under an alleged "new" paradigm of the Cognitive Sciences, that, in truth, repeat the the old project of reducing this dimension to the Physical, or the Physics, by adopting the Artificial Inteligence as a model. What is intended is to show frailty of these assumptions when confronted by questions of the quotidian themselves, precisely because ignoring them in their own range and extension. It is concluded that the clearness of such coordinates is fundamental in the psychologist formation.

Keywords: Scientificity, Epistemology, Formation, Psychology.

Considerações preliminares

Este artigo trata das coordenadas epistêmicas que norteiam a formação do psicólogo. Não se pretende discutir a formação do psicólogo como tal. Creio que esta discussão não cabe em um artigo, convém antes apenas expor as coordenadas para sua formação. Seu objetivo, compatível com as dimensões do mesmo, pretende somente apresentar uma orientação para o estudante brasileiro de psicologia em formação. Como não há uma única psicologia verdadeira, cada um de nós, formados, possui suas próprias convicções. Essa situação, de fato, por vezes, corrobora uma retórica vazia que afirma: "há várias psicologias". Diante e distante dessas duas posições mais corriqueiras, afirmar as próprias convicções ou reconhecer a sua pluralidade, gostaríamos de expor o problema que constitui a psicologia moderna.

Muitos não aceitam que se use a expressão "psicologia moderna", considerando-a demasiado abrangente. No nosso caso, entretanto, utilizamo-la a fim de gerar o efeito oposto, porque, sob a égide do pluralismo em psicologia, seu uso permite evidenciar no debate posições e afirmações que não constituem sua mera negação. Eis as coordenadas epistêmicas da psicologia moderna:

- Ela não deve se contentar em ser uma crença entre outras, pois fazer psicologia consiste em atender a exigências de validade,
- Estas estratégias de validade devem ser pensadas para além da filosofia compreendida como um conhecimento (universal e necessário) do ser.
- O uso das matemáticas não atende a esta exigência em psicologia e o reducionismo fisicalista apenas não reconhece o sentido, os limites do campo da psicologia e o recusa sem se dispor a resolvê-lo.

Em outras palavras, a equivalência meramente retórica entre a pessoa e o cérebro, ou entre o físico e o psíquico, cada vez mais em voga, confunde a tal ponto o debate, que se chega até a pensar que se resolveu o que nem começamos a discutir ainda. Como psicólogo, trato de uma dimensão que não é física, nem é o prolongamento da física, e muito menos é redutível a explicações físicas. Nem metafísica, nem física, em que consiste atender às exigências de validade neste campo?

Este artigo define essas coordenadas da psicologia moderna sem pretender caracterizá-la positivamente. Seu intuito consiste em contribuir e estimular a discussão de epistemologia no Brasil e deixar de importar "soluções" sem qualquer sintonia com a alma brasileira. Aqueles que neste campo já possuem suas convicções terão dificuldade em reconhecer o problema aventado aqui. Ele se endereça àquele que não concluiu ou não se contentou com sua formação, estudante ou pesquisador e que vê a psicologia seja como teoria, seja como prática, como uma interrogação ainda que não formulada.

Introdução

Se um estudante, além de exercer a profissão de psicólogo, quiser compreender por que a psicologia conserva o ideal de tornar-se propriamente científica, ou seja, se quiser compreender a psicologia moderna enquanto tal, terá que considerar duas vertentes, dois frutos de nossa cultura que constituem um curso de psicologia do início ao fim: a filosofia e as ciências modernas. O que motiva o curso e as pesquisas em psicologia não é apenas a necessidade de dar respostas práticas aos problemas provenientes das transformações ocorridas nas diversas dimensões que formam a vida civilizada - sejam elas práticas, políticas, econômicas e mesmo epistêmicas- mas também atender à exigência de verificação e de verdade, que marca de maneira indelével, desde o seu nascimento, a psicologia moderna.

Nossa contribuição é modesta, uma vez que pretende apenas trazer esses ingredientes, necessários à formação, nem sempre expostos, na medida em que sempre se discute a partir de convicções já formadas. Não queremos discutir minuciosamente a formação do psicólogo e nem pretendemos dissuadir aqueles que já possuem suas convicções neste campo e reconhecem um progresso muito evidente em questões já superadas, que outros têm dificuldades de reconhecer. São questões nascidas do cotidiano do ensino de psicologia no Brasil, onde, não raro, se opõe, de maneira excludente, discussões mais abstratas à prática - quando, na verdade, os impasses da prática repetem os impasses formais. Portanto, não se trata de fazer um esboço de história da psicologia, razão pela qual as referências não precisam ser exaustivas. Trata-se de formular o problema congênito da psicologia moderna para que se obtenha melhor orientação do estudante em formação. Com esse intuito, a organização do campo da psicologia, da maneira como a expomos neste trabalho, não depende da sua História. Ela confronta as soluções esboçadas em um espaço epistêmico heterogêneo e aproxima-se mais de uma geografia, do exame das formações atuais do campo da psicologia.

Para os que crêem numa cultura específica, por exemplo, há um progresso tão evidente que não reconhecerão nenhum sentido no problema aqui exposto. O mesmo vale quando se pensa em termos de várias psicologias. Quando exigimos validade, não há uma ou várias psicologias. Isto a própria controvérsia testemunha: perseveramos no nível da convicção de cada um. Assim sendo, nossa posição é tão clara quanto poderia ser: reconhecer o problema que a psicologia moderna é, sem que se tenha ainda encontrado uma solução a contento, mas rechaçar da discussão aqueles que, em nome de um pluralismo suposto, pretendem incluir no debate o que a psicologia evidentemente não é, nomeadamente, os neurocientistas ou fisicalistas, como Herculano-Houzel (2004), Damásio (2009), LeDoux (1998) e seus quejandos.

Reconhecer o problema aventado aqui e toda a discussão que ensejo, só será possível para aquele que se depara com duas encruzilhadas superpostas, porém distintas. A primeira, da filosofia como projeto de conhecimento com a ciência moderna que compõe a idéia moderna de psicologia. A segunda afeta o próprio estudante brasileiro de psicologia. Ela se forma a partir de culturas epistemológicas distintas, que pensam a primeira encruzilhada de maneira diferente, divergente e até mesmo de maneira incompatível com a segunda. Isso só ocorre quando se cruzam culturas epistemológicas estrangeiras¹ e distintas. Por isso, o solo epistêmico da discussão é o nosso, e o problema que se apresenta será mais facilmente reconhecido aqui, pelo estudante brasileiro dedicado à psicologia, do que alhures. O que não significa que o problema seja regional e exclusivamente nosso. Ele se manifesta melhor no nosso meio e poderá ser imediatamente reconhecido por quem pretenda pensar o problema da validade e da cientificidade da psicologia, cujo projeto consiste, paradoxalmente, em realizar uma ciência, no sentido moderno, que trate do psíquico.

Para compreender melhor esses cruzamentos, fui à busca de autores e de pensadores que refletissem sobre esse problema e não os encontrei. Talvez a exceção seja Pascal Engel (1996). Parece-me importante salientar que não encontrei pensadores oriundos da tradição inglesa que dialogassem com as noções de base da epistemologia francesa. Engel, contudo, ainda que seja francês, abraça a referência inglesa e confessa não compreender² o que se passa no solo epistêmico francês. Faz este contraponto e enfatiza a posição oposta à que adoto neste artigo, pois adere, sem críticas, ao referencial da epistemologia anglo-americana para fazer uma crítica a crítica que a epistemologia francesa faz da psicologia moderna. O que é pertinente para nossa discussão? Que a ciência moderna não é o prolongamento das clássicas questões colocadas pela filosofia ou sua resolução por outros meios; que a ciência moderna não é um prolongamento, uma ampliação, um aprimoramento de nossa crença. Como estudante brasileiro de psicologia, precisei desse discernimento justamente por situar-me na encruzilhada destas encruzilhadas, por isso, o compartilho, quer dizer, o público. Talvez a psicologia seja apenas uma empresa insensata, talvez uma recalcitrância infantil de um pensamento que, no entanto, desconcerta filósofos como Husserl, lhe evocando palavras severas, repetidas por Canguilhem como um refrão:

A filosofia nada tem a esperar dos serviços da psicologia, uma disciplina da qual Husserl pôde dizer que, a maneira como ela entra em cena, desde Aristóteles, fez uma calamidade permanente para os espíritos filosófico (CANGUILHEM, 1993, p. 366).³

Como psicólogo e em um timbre mais modesto, repito essas palavras. Como se fossem ditas por mim, torno-as minhas, sem jamais esquecer a diferença infinita que há entre estas potentes vozes da cultura e meu então, firme e seguro, ainda que diminuto, deste refrão.

Ciência, em qual sentido?

A psicologia moderna herda da filosofia a tensão entre o pensamento racionalista, que afirma as condições *a priori* da possibilidade de todo conhecimento, e o pensamento empirista, que afirma como fonte de todo saber, os sentidos, a experiência. Sobretudo este último exerceu um enorme fascínio para que se pensasse a psicologia como atualmente se a discute. O advento da ciência moderna impõe a preocupação com a verificação transformada pela realização do cálculo que passa a exercer um papel de suma importância para uma idéia de psicologia como pretensa ciência moderna.

Na medida em que a psicologia moderna desde sempre pretendeu alinhar-se às disciplinas científicas, sua abordagem não poderia apenas diferir, mas deveria desvencilhar-se completamente do projeto filosófico de conhecimento como modo de inteligibilidade. Então, para compreendermos melhor a idéia de uma psicologia como ciência natural, será preciso um esclarecimento prévio sobre a diferença entre a idéia de conhecimento filosófico e a atividade científica.

Racionalismo e empirismo são extremos no interior de uma idéia ainda filosófica do conhecimento do ser. Ainda que se entenda o ser como relativo a certo modo de pensar, uma consideração filosófica das

questões não é ultrapassada. Quando se faz ciência, no sentido moderno da expressão, não está em jogo a realidade, a existência ou o ser, da mesma maneira que se discute em filosofia (Ulmo, 1958). Quando se faz ciência, não é do ser que se trata, mas de uma variável calculada, de um grau matematicamente qualificado. Quando se faz ciência, não se faz filosofia. Pensar o que significa fazer ciência é fazer filosofia da ciência e não ciência. Não se deve confundir os níveis de análise. Fazer matemáticas é ciência, enquanto conversar sobre o que significa matemática ou o ser matemático é pensar a filosofia da matemática. O problema exposto em nosso artigo consiste em expor o problema do que significa fazer ciência quando se faz psicologia, ou seja, quando não se trata de produzir matematicamente variáveis. A oposição irreduzível para nós se dá entre as ciências em que as matemáticas desempenham um papel constitutivo, como a física moderna, por exemplo, e outras, como as ciências jurídicas, que jamais podem romper com o cotidiano e a linguagem. Reconhece-se o sentido da expressão **psicologia moderna** quando se admite tal encruzilhada.

O exercício científico difere tanto do conhecimento filosófico quanto da experiência ordinária porque se realiza, basicamente, pela matematização de variáveis que compõem uma função estudada e pelo aparelhamento da experiência que a torna propriamente objetiva (Bachelard, 1996). A ciência moderna não consiste na subsunção dos eventos, visando apenas a sua organização, mas no cálculo matemático de variáveis, obtido por sua realização. Os quadros da realidade objetivada, tal como a ciência moderna os realiza, ultrapassam o que nos é dado, ou mesmo o que existe na natureza. Em outras palavras: o objeto e a objetividade científica são um produto, fruto de uma elaboração técnica e matemática, e não a reflexão sobre este afazer.

Procurou-se durante muito tempo a unidade característica do conceito de uma ciência na direção de seu objeto. O objeto ditaria o método utilizado para o estudo de suas propriedades. Mas era isto, no fundo, limitar a ciência à investigação de um dado, à exploração de um domínio. Quando se tornou claro que toda ciência se dá mais ou menos seu dado e se apropria, assim, daquilo que se chama seu domínio, o conceito de uma ciência progressivamente fez valer mais seu método do que seu objeto. Ou, mais exatamente, a expressão "objeto da ciência" recebeu um novo sentido. O objeto da ciência não é mais somente o domínio específico dos problemas, dos obstáculos a resolver, é também a intenção e o alvo da questão da ciência; o projeto específico que constitui como tal uma consciência teórica. (CANGUILHEM, 1989, p. 366).

Em sua pretensão de constituir-se como ciência e conquistar sua autonomia, ou seja, de deixar de ser apenas uma parte da filosofia e desvincular-se completamente de concepções filosóficas metafísicas, a Psicologia teria buscado na experiência sensível, restrita, doravante, à experiência sensorial, a base para a explicação do saber dos organismos e para sua modificação os organismos humanos aí compreendidos. A Psicologia dedicou-se a uma explicação que não se contenta mais com conceitos filosóficos considerados metafísicos, alheios à observação e ao controle, ao teste e à verificação experimental, e, portanto, incompatível com a norma da atividade científica. No entanto, como nota Gonzalez Rey (2009) com muita propriedade:

A ausência de discussão sobre questões epistemológicas levou a psicologia a uma definição positivista de ciência, com suas conseqüências em termos de compreensão do saber objetivo, instrumental e ateuórico, o que se tornou evidente no caráter experimental e quantitativo de sua metodologia predominante. De fato, algumas das tendências mais importantes da psicologia ficarão excluídas da definição de ciência, por não adaptar-se aos cânones de cientificidade definidos pelo positivismo(2009, p.206).⁴

A solução não é a erradicação do psíquico

A psicologia moderna procurou o caminho da objetividade científica, adotando o plano orgânico como referencial para que suas formulações deixassem de ser meras narrativas desprovidas de conteúdo empírico. Substitui, para tanto, a dualidade metafísica da alma e do corpo pela dualidade funcional do organismo e do meio, tentando encontrar aí o caminho da objetividade (Tilquin, 1950). Abandonou o objeto que a etimologia lhe conferiu, a alma; desvinculando-se da questão do ser e da nossa essência para formular seu novo problema, põe o comportamento como novo dado a ser pesquisado. Com Darwin (1974), o humano, concebido como uma espécie entre outras e destituído de seu privilégio divino, doravante será entendido como um ente natural entre outros entes naturais e, portanto, submetido exclusivamente às leis da física e não mais à lei divina.

O estímulo, concebido como variável física e controlável, sujeito à detecção, passa a ser a condição a partir da qual se torna possível investigar os comportamentos. O organismo não se move por si mesmo, concepção metafísica e vitalista, à maneira de Bergson em sua obra *A Evolução Criadora* (1979), mas é movido por um estímulo, variação ambiental detectável que implica uma reação adaptativa igualmente detectável. De maneira que não há estímulo sem resposta, bem como resposta sem estímulo. Há proporção entre um e outro. E o comportamento, concebido como a variação do conjunto das reações

em função de estímulos, passa a ser o que a psicologia deveria explicar. Aliás, torna-se o que a ciência do comportamento deve descrever, pois não mais se trata seja da alma, seja de entendimento (Skinner, 1993). Não se trata mais nem da alma, nem de conteúdos mentais, mas de modificações no padrão de comportamento. Trata-se do processo de aprendizagem e de suas condições: o condicionamento (Hill, 1981).

Aprendizagem é o processo pelo qual uma atividade tem origem ou é modificada pela reação a uma situação encontrada, desde que as características da mudança de atividade não possam ser explicadas por tendências inatas de respostas, maturação ou estados temporários do organismo (por exemplo, fadiga, drogas, etc.). (Hilgard, 1966, p. 3)

Tal solução mostra-se, entretanto, insuficiente para cobrir a variedade dos comportamentos. Sobretudo, para explicar um comportamento herdado, transmitido geneticamente, e que jamais fora aprendido (Lorenz, 1975). Trata-se aqui da célebre controvérsia do adquirido e do inato em psicologia. Mais uma vez, uma terminologia inadequada leva o estudante à confusão. Pois não se trata de uma coisa nem de outra.

É inadequado falar em adquirido quando nada se acrescenta ao organismo, quando este apenas se modifica em função das condições nas quais ele vive. Inato, por sua vez, quer dizer constitutivo, algo necessário que seja assim e não de outra maneira: uma necessidade incondicional. Ora, a herança genética, a memória genética na biologia moderna é fruto do acaso. O que é assim poderia ser de outra maneira. O que se nomeia inadequadamente inato diz respeito apenas a um deslocamento de nível de análise, da memória nervosa do indivíduo à modificação ao nível da espécie, a memória genética.

Em seus primeiros passos, a ciência do comportamento parece menosprezar o papel da memória genética, erroneamente embutida no interior do indivíduo e, por isso mesmo, desqualificada como metafísica. A tendência herdada dos organismos dá-se vagamente o nome de instinto. Trata-se, na verdade, de coordenações motoras reflexas (Eibl-Eibesfeldt, 1974), transmitidas pelo programa genético, ou seja, de movimentos que não são apenas organizados através das estruturas sensoriais e nervosas em função de uma exposição às condições ambientais diferenciadas. Transmitidos pelo programa genético, os movimentos são organizados através de estruturas do sistema nervoso central, conservadas filogeneticamente. Em outras palavras, a coordenação destes movimentos não dependeria exclusivamente do processo de aprendizagem, como afirmariam os behavioristas mais intrépidos. Então, ou o comportamento é transmitido geneticamente ou é estimulado? Estas alternativas esgotam as maneiras de explicar a ação em psicologia? Não.

Há situações em que, estimulado, o organismo não reage. Outras em que, na ausência de um estímulo observável, ele se põe a mover. Eis o impasse que busca ultrapassar a crítica e o reconhecimento da insuficiência dos postulados de uma ciência do comportamento no sentido estrito.

Busca-se superar os impasses de uma concepção estrita do comportamento através da construção, para além do processo de aprendizagem, de um processo motivacional que explicaria a latência das respostas e sua direção privilegiada no meio-ambiente; ou de um processo cognitivo (inteligente) que explicaria a adequação, desproporcional ao tempo dos ensaios ou à exposição a determinadas situações, de uma resposta que não foi selecionada aleatoriamente. Por isso mesmo, o modelo mecânico é abandonado e, conseqüentemente, a noção de frequência discreta.

Por frequência discreta estenda-se a quantificação da aprendizagem através do número de respostas. A hipótese da equivalência entre aprendizagem e resposta é falsa. Não reagir não significa ausência de aprendizado, mas apenas que o organismo não está em condições de reagir. Sendo assim, a resposta passa a ser concebida como função contínua, grau ou potencial de reação, à maneira de Hull (Wolman, 1968).

O comportamento continua sendo o objeto de estudo, mas, para explicar o que se observa, é preciso noções não imediatamente observáveis. A fórmula motivacional, sendo uma função complexa, conteria outras variáveis, além do estímulo e da resposta. A variável mais relevante para essa discussão seria a **impulso (drive)** - força propulsora atribuída ao próprio organismo. Isto significa dizer que o organismo gera ou **autoproduz** sua própria energia?⁵ Não se estaria recaindo numa concepção filosófica, metafísica e vitalista de força, um élan vital, à maneira de Bergson, em um princípio de toda organização vital (1979)? Poderia, mas não é disso que se trata. Ora, por que, então, atribuir ao organismo esta energia, se ela é proveniente do ambiente?

Um organismo precisa transformar a energia para sobreviver: ingeri-la, assimilá-la e armazená-la para spendê-la. Ao transformá-la, preserva-se uma quantidade de energia potencial, que definirá o grau do potencial de reação. Eis a razão pela qual, às vezes, em presença de um estímulo, a reação não ocorre,

pois não há energia potencial para deflagrá-la; o mesmo valendo para a suposta iniciativa: ou por excesso de energia armazenada, ou quando o armazenamento atinge níveis críticos. Chegar-se-ia, enfim, a uma explicação satisfatória para o conjunto dos organismos? A atividade do organismo humano pertenceria ao conjunto dos organismos, faria parte da série dos organismos? O fantasma metafísico estaria enfim erradicado? Ainda não.

Processos (psíquicos): básicos e superiores

A consideração dos chamados processos psicológicos ilustra bem essa discussão. Em qualquer um dos casos, o melhor será distinguir os processos básicos dos processos superiores. Os processos superiores são aqueles que envolvem a divindade do ser humano, sua semelhança com Deus, e o separam da mera animalidade. O ato de pensar é a expressão desta separação. O mais difícil, portanto, parece ser decidir quais processos implicam ou não o ato de pensar.

A psicologia moderna nasce com a idéia de que nós somos parentes dos animais. Assim sendo, o que é comum aos animais seria considerado um processo básico. O exemplo inequívoco é o processo de aprendizagem definido **strictu sensu**: modificação do padrão de reação dos organismos em função das circunstâncias ou contingências do meio em que habita. A redução a um único processo caracteriza o destino da psicologia na América, que se torna uma ciência do comportamento e, portanto, elimina a distinção entre processos inferiores e superiores, ou ainda, entre processos básicos e superiores. Tal redução, a cultura européia jamais adotará e não aceitará romper o vínculo com o passado, com a concepção metafísica clássica, justo o que a cultura da **psicologia** na América almeja. Por isso, o desenvolvimento das pesquisas na América tornou a concepção de aprendizagem obsoleta, a idéia de que é possível considerar exclusivamente os eventos no ambiente e as reações observáveis do organismo para explicar os padrões comportamentais.

Como dissemos, a ciência do comportamento pretendeu reduzir o objeto de sua análise às modificações no padrão de reação dos organismos, ou seja, o processo de aprendizagem e suas condições: o condicionamento (Hill, 1981). Esta solução mostrou-se incapaz de resolver problemas no nível de análise dos organismos, mostrando-se insuficiente para cobrir a variedade dos comportamentos como a própria etologia o demonstra (Lorenz, 1975).

O progresso das pesquisas em psicologia na América faz com que o processo de aprendizagem seja suplantado pelo processo cognitivo, e a ciência do comportamento, pelas ciências cognitivas. Estas últimas buscam integrar informações das pesquisas provenientes de diversas áreas como antropologia, cibernética, lingüística e psicologia cognitiva. Entretanto, quanto ao estudo dos processos, os níveis inferior e superior permanecem indistintos. Assim como pressupunham os estudos do processo de aprendizagem: neste caso, cognitivo não se referirá, em hipótese alguma, ao processo inteligente entendido como traço divino da criatura (o que mais ninguém supõe nos meios de pesquisa), e nem sequer à ação inteligente articulando meios e fins.

Na Europa, todo empenho consiste em, mesmo preservando a distinção entre homem e animal, atenuar a distância que os separa, em atribuir aos animais, aos organismos, qualidades e capacidades **superiores** que lhes foram negadas na metafísica cristã ou pela metafísica cartesiana. Em outras palavras, reconhece entre eles apenas uma diferença de organização e não de natureza. Por isso, os outros processos (perceptivos, motivacionais e cognitivos), herdeiros de uma concepção tripartite de alma (o sentir, o pensar e o agir), desempenharão o papel de mediadores, de intermediários encontrados nos organismos mais complexos. Kofka e Köhler tornaram-se célebres por considerar os processos perceptivos; Piaget e sua epistemologia genética, os processos cognitivos, e Freud desempenharia este mesmo papel no caso do processo motivacional.

Normalmente, estes processos são considerados em duplas, onde um dos componentes desempenhará o papel de elemento básico: a sensação, no caso da percepção; a emoção, no caso da motivação; e aprendizagem, no caso da cognição. Por vezes distingue-se, nos processos cognitivos, pensamento e linguagem. Nesse caso, a linguagem (reduzida à verbalização) desempenha o papel de processo básico. Para classificar os processos, não basta considerá-los como tais. Será preciso, também, levar em conta a referência cultural do pesquisador: a percepção para Gibson (1974) é básica, enquanto para Gregory (1997) é um processo cognitivo. Sempre que se dá este último tratamento à percepção, valorizam-se as ilusões em uma pesquisa, como acontece, por exemplo, na teoria da Gestalt. Busca-se, através da noção de processo básico, a dimensão através da qual o aparelho sensorial entra em contato com a realidade (física), engendrando o psíquico. Por isso, para Gibson, o estudo da percepção é o estudo de como a realidade (física) se apresenta para nós, enquanto para Gregory é a elaboração (cognitiva) do objeto da percepção.

A natureza humana e os equívocos sobre cognição

As ações humanas envolvem uma complicação suplementar e não se deixam reduzir à estratégia de verificação, pois o que está em jogo não é exclusivamente o movimento, seu início, sua direção (Weiner, 1992). Precisa-se distinguir o que se exprime, o expresso, do movimento propriamente dito, esvaziado de significação. A dança não é o calculável dos movimentos; o que se aprecia na composição musical não é a junção dos sons; o que motiva uma ação, na maioria dos casos, não é um desequilíbrio metabólico. Por vezes, é um ponto futuro, uma aspiração, um ideal, apenas concebido, que coordena as ações, traduzindo-as em movimentos.

As formas de cognição, no entanto, são claramente distintas nos dois casos. No primeiro, inclui a linguagem do engenheiro de telecomunicação e a do cientista da computação, isto é, a teoria da informação. Ele pode, mas não necessita ser um modo de comunicação especificamente humano. A metáfora da raiz é a de um sistema artificial de comunicação. Na psicologia cognitiva, a linguagem da cognição deriva de uma perspectiva fenomenológica do mundo. Quando o outro é outra pessoa (em vez de, por exemplo, um objeto), o modo de comunicação é interpessoal, isto é, social. Como modo de comunicação, a linguagem é especificamente humana. Ela também é um modo intrinsecamente social de comunicação. Depois da primeira guerra mundial, Titchener alertou os psicólogos na América de que se eles aceitassem o behaviorismo, poderiam estar trocando uma ciência (isto é a ciência da mente) por uma tecnologia. Após a segunda guerra mundial, eles trocaram uma tecnologia (isto é, o behaviorismo) por outra (isto é, a ciência cognitiva). As linguagens da tecnologia e da fenomenologia são profundamente estranhas entre si. [...] Isso é assim porque as formas de linguagem e da inteligência que são do interesse do psicólogo cognitivo são artificiais e não naturais. (Farr, 2008, p. 27)

Eis uma citação que sintetiza bem o espírito deste artigo. A impossibilidade de uma posição única, a do conhecimento metafísico, nos lança recorrentemente neste dilema. O reducionismo fiscalista não é uma psicologia entre outras. Pura e simplesmente, não passa de uma recusa da psicologia. Aceito este princípio, há tantas psicologias quantas o gênio humano for capaz de engendrar.

Eis aí duas maneiras distintas de se considerar a cognição não apenas justapostas, porém irreduzíveis entre si. O mesmo acontece com a inteligência que outrora era conhecida como processo cognitivo. Vimos que atualmente processo cognitivo significa tudo o que se passa no organismo. Ora, como definir um comportamento inteligente? Por uma resposta adequada às circunstâncias, desde que esta resposta não seja transmitida geneticamente, nem seja aprendida. Em outras palavras, há comportamento inteligente, quando um indivíduo que jamais esteve em uma determinada situação possui capacidade de resolvê-la sem que a resolução seja proporcional ao tempo de contato com a situação, sem que tenha havido aprendizagem no sentido restrito que utilizamos mais acima.

Por isso, a inteligência, desde sempre, constituiu-se como um embaraço para a ciência do comportamento, uma vez que esta pretende explicar as estratégias dos organismos levando em conta, exclusivamente, os estímulos e as respostas, buscando em sua pesquisa explicações físicas para quaisquer que sejam as maneiras de saber: aprendizagem, inteligência prática ou instrumental, inteligência formal. Para se desembaraçar dos fantasmas, seria preciso preservar o paralelismo psicofísico com o primado da dimensão física. Entretanto, uma resposta inteligente surpreende nesse sentido, pois é adequada sem haver passado pelas circunstâncias que explicariam este **aprendizado**. Em outras palavras, o comportamento inteligente fere a proporção psicofísica.

Negar a inteligência como traço metafísico, como um dom, faz parte do projeto da psicologia como ciência natural, integra o que se convencionou chamar atualmente de naturalização da psicologia. Então, como explicar a capacidade constatada de alguns organismos se comportarem de acordo com as circunstâncias quando jamais estiveram numa tal situação? Eis uma questão de difícil (senão impossível) solução científica.

O que vem a ser o novo paradigma⁶ em psicologia? A reordenação do campo de estudos sob a noção, vaga, de cognição. Uma tentativa de definição exprime esta característica inequivocamente: "as ciências cognitivas tem por ambição descrever, explicar e, se for o caso, simular as principais disposições ou capacidades do espírito humano — linguagem, raciocínio, percepção, coordenação motora, planejamento" (Andler, 1992, p. 2).

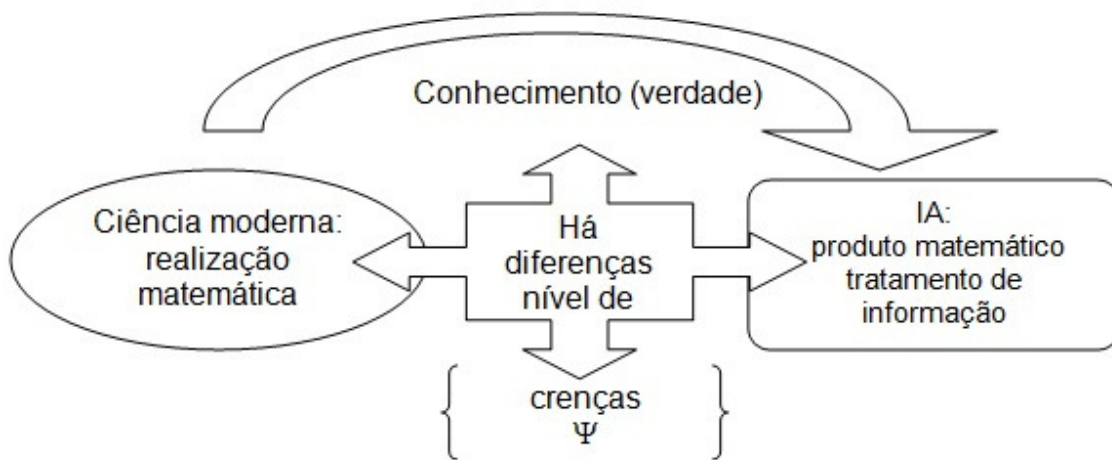
O novo paradigma ou a nova ciência da mente nutre-se diretamente dos avanços da inteligência artificial e adota o computador como sua principal metáfora para se referir à psique, ao saber, ao pensamento (ou à mente, como preferem denominá-la). Por quê? Porque se trata de uma máquina, um produto da engenharia, indubitavelmente física, que executa operações que certas convicções do passado

presumiam ser exclusividade do espírito e da pessoa humana. Nas palavras de Haugeland (1997), a psicologia do ponto de vista do engenheiro. Entretanto, como observa Bordeau, em sua reserva pertinente ao caso:

Aqueles que identificaram pensar e calcular perceberam na mecanização do cálculo operada por Turing a premissa que faltava à mecanização do pensamento, sem se deter sobre os méritos intrínsecos desta teoria do cálculo. (1999, p. 43)

Contudo, ainda pensamos que esta equivalência se trata de um equívoco, porque possui suas raízes em uma idéia inconsistente. Só quando se fabrica uma máquina capaz de calcular e de, através do cálculo, reduzir uma enorme gama de saberes à simplicidade de um algoritmo, só quando se realizam fisicamente as propriedades outrora atribuídas exclusivamente ao espírito, é que se torna possível pensar o psiquismo, o saber, enfim, o pensamento como tal, em termos compatíveis com a ciência moderna. Todavia, estes termos **psicológicos** são utilizados em dois sentidos que se excluem.

Software não serve sequer como metáfora da mente ou da cognição, se por mente entendemos no outro sentido exposto por Farr (2008) acima mencionado (p.12) que implica as crenças e o cotidiano.



Um dos significados pode se referir ao produto científico, ao que as máquinas sabem fazer. Assim, é possível referir-se à memória e à inteligência dos processadores de informação. Mas o outro não. E a interpretação equívoca do interior, do que se passa no organismo, na pessoa ou na máquina, gera todos esses embaraços.

Ou nos enganamos muito, ou esta assimilação do pensamento à vida interior, da inteligência à introspecção, não é senão uma forma um pouco mais sutil da confusão, favorecida, aliás, pelo duplo sentido da palavra cognição, presente em estudos que tomam por um caso de cognição a meditação do filósofo ou do matemático, quando tomam pela observação de uma realidade mental a própria atividade do pensamento. Para os comportamentalistas, tanto quanto para seus adversários, os cognitivistas, a negação ou afirmação da inteligência não se distingue da negação ou afirmação da fisicalidade do pensamento. Toda a controvérsia limitando-se a indagar se a atividade do pensamento se reduziria à resposta comportamental ou se consistiria numa série de fenômenos especificamente mentais, redutíveis a eventos físicos (neurais).

Novidade, então, só há para aqueles que se dedicaram à naturalização do psíquico, à fisicalização da mente, e até a sua erradicação. Quanto ao seu **retorno**, trata-se, na verdade, de uma mesma tradição de pensamento que prossegue, o fisicalismo, ou de uma maneira mais clara, o realismo fisicalista, e não do reconhecimento do exercício do pensamento como tal.

O que se entende por cognição nessa nova perspectiva da psicologia e das **ciências** cognitivas? Não basta considerar os resultados, será preciso examinar também o termo que os reúne. O que significa cognição? Deve-se distingui-la do conhecimento filosófico tal como definimos mais acima. Todavia, sendo construída sobre a mesma raiz presta-se à confusão, como mostra Bachimont em seu artigo introdutório sobre o problema do espírito na filosofia e nas **ciências** cognitivas: "como o termo é

construído sobre a mesma raiz, ele se refere à mesma realidade e pretende constituir uma abordagem filosófica da realidade” (Bachimont, 1997, p. 2).

Nota-se o quanto o pressuposto positivista domina, ainda, as discussões em psicologia, e mesmo em ciências cognitivas “se o termo é mais modesto, ele relaciona-se ao que é especificamente humano, a mente. A noção de cognição, certamente, designa o conhecimento, mas ela o descreve e o analisa segundo os conceitos de informação e de comunicação.” (Bachimont, 1997, p. 4)

Quanto se confunde o problema da crença, do conhecimento e da ciência! Se a cognição se refere à informação e seus processadores, ela designa outra coisa que o exercício do pensamento e mesmo o uso da linguagem.

A cognição, objeto das ciências cognitivas, designa uma inteligência prática. O termo objeto designa aqui, ao mesmo tempo, um dado e o que a mente constrói e elabora. Esta definição mostra a novidade da questão posta. Não se trata de uma filosofia clássica do conhecimento tal como apresentada pelos grandes pensadores desde os gregos até os mestres do pensamento atual, em particular na fenomenologia. Não se trata mais do materialismo clássico, pois não se raciocina mais em termos de matéria e forças aplicadas a tal ou qual ponto. Trata-se de troca de informações ao mesmo tempo materiais e formais. Entretanto, porque essas disciplinas carregam certa visão da pessoa humana, importa não se contentar de considerar os resultados, mas ver as filosofias subjacentes (Bachimont, 1997, p. 4).

Seria difícil imaginar confusão maior. Para aqueles que não compartilham desses pressupostos não há novidade em embaralhar o plano físico e formal. O que significa **ao mesmo tempo material e formal**? O sucesso da engenharia computacional mostra, justamente, o contrário. E, como suspeitávamos desde o início, o que se pretende justificar não passa de **uma certa visão de pessoa humana**, que não pode ser de maneira nenhuma científica, mesclando preconceitos, crenças que não são de hoje, às novas informações produzidas pela ciência física, a biologia e a ciência da computação. Fica claro que o que se pretende em nome destas **ciências** seja apenas corroborar uma nova ortodoxia.

Inútil retrair os avatares da ‘IA’² na segunda metade do século. Além de a história já ter sido contada, os desdobramentos de esperanças e decepções, de promessas quebradas e de confusão conceitual a que ela se resume, pouco sofre da comparação com o que precede. Durante muito tempo, a receita consistiu em uma mistura de informática, lingüística e de psicologia que pode facilmente ludibriar, e que alguns trabalhos de Chomsky dão uma imagem suficientemente boa. Mas desde há algum tempo, passou-se da IA às Ciências cognitivas, depois das ciências cognitivas às neurociências. A maneira como as idéias se desvalorizam bastaria por si só para despertar suspeitas. Tais mudanças incessantes, onde alguns querem ver o indício tangível de um progresso, representam uma fuga em progresso, uma maneira de eludir as dificuldades fazendo crer que alguma coisa está acontecendo. (Bordeau, 1999, p. 63).

Quando se trata de uma pessoa, não há proporção entre as condições e a ação. Cada pessoa pensa e reflete, de maneira diferenciada e própria, as situações. Seria então a psicologia uma Ciência Humana, para além da Biologia? Ou o que pretendemos tratar estaria além de toda ciência? Eis uma questão que jamais devemos esquecer, ou diante da qual não devemos recuar. Ora, precisamente a confiança no poder dedutivo se acha abalada. Esse problema não poderia encontrar sua solução nem na edificação de metalinguagens destinadas a demonstrar a não-contradição dos sistemas adotados como pontos de partida, nem na realidade última do cérebro. Nenhum sistema formal poderia erradicar a inconsistência, nem o caráter de indecidibilidade que o habita. O recurso a sistemas mais complexos requer a formulação de hipóteses mais complexas. De tal maneira que o que se pensa poder recorrer, com o intuito de erradicar a fragilidade, a precariedade e a inconsistência do saber, as propaga ainda mais, e mais as alimenta. Quanto mais sofisticado o produto científico, mais estranho este se torna à dimensão psicológica, ao saber cotidiano e, portanto, mais inconcebível se torna a psicologia como ciência física, entendendo-se por ciência o sofisticado nível de abstração alcançado pela inteligência matemática. Razão pela qual, longe de reduzir o caráter de instabilidade, se o multiplica na proporção das ficções que se evoca para suprimi-lo.

O estatuto epistemológico da psicologia ainda é controverso. Eis o obstáculo com o qual nos deparamos e que deve ser transposto por nós na formação do psicólogo, na transmissão do problema da psicologia e no exercício da profissão, enfim, na tomada de decisão sobre qual sentido assumir na encruzilhada em que se encontra o psicólogo: encruzilhada que a psicologia moderna reconhecidamente é. De nada vale reconhecer o pluralismo em psicologia, quando este serve seja para desculpar a confusão em que nos encontramos, seja para justificar os que querem unificar, forçosamente, a divisão constitutiva do campo, com soluções físicas, acreditando que a mente humana se projeta em uma imagem cerebral. Por isso afirmamos: não há várias psicologias. A psicologia moderna consiste em um problema: como atender a exigências de verificação, quando o que é tratado não se reduz à física, nem pode ser realizado matematicamente?

Esta questão afeta tanto aquele que busca um sentido para sua formação nos fundamentos da psicologia quanto àquele que enfrenta as demandas do cotidiano feitas a um psicólogo, ou seja, aquele que neste campo já consolidou suas convicções. Nosso objetivo foi recolocar essa questão desde sempre presente no espírito da psicologia moderna para fomentar esta discussão e assim compartilhar os impasses com os quais nos deparamos quando aceitamos este nível de análise.

As questões cotidianas para as quais buscamos soluções urgem. Lamentamos a insistência no realismo **ingênuo** em psicologia e seu retorno desprovido de crítica, fazendo um paralelo sumário entre o cérebro e o pensamento, sob o **slogan** de **neurociência**; bem como certa vertente que, sob a bandeira de um novo paradigma científico, alimenta, em verdade, um velho preconceito, uma pseudociência. Lamentamos igualmente aqueles que insistem na retórica vazia da enorme literatura ou do **tudo isso é muito mais complexo**. Se fossemos contemplar toda a literatura envolvida na questão que colocamos, jamais publicaríamos um artigo, o que qualquer pessoa de bom senso admite.

Não há tempo para isso. Aqueles que se dedicam à psicologia precisam compreender o limite do nosso campo de problemas: nem toda queixa se resolve com remédios, nem todo problema se reduz à física. Mencionar o cérebro, pretendendo resolvê-lo, seria não apenas inadequado como completamente falso. Nem por isso devemos ceder à tentação de soluções mágicas e, muito menos, às tolices que estão na moda.

Referências

- Andler, D. **Introduccion aux sciences cognitives**. Paris: Folio, 1992.
- Bachelard, G. **A formação do Espírito científico**. Rio de Janeiro: Contrapunto, 1996.
- Bachimont, B. **Le problème de l'esprit en philosophie e recherches cognitives** : une introduccion. Copiégne: Université de Technologie de Copiégne, 1997.
- Bergson, H. **A Evolução Criadora**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- BLANCHÉ, R. **A Epistemologia**. Lisboa: Presença, 1975.
- Bordeau, M. **Pensée Symbolique et Intuition**. Paris: PUF, 1999.
- Canguilhem, G. Le cerveau et la Pensée. In: Canguilhem, G. **Philosophe et historien des sciences**. Paris: Albin Michel, 1993.
- DARWIN, C. **A Expressão das Emoções nos Homens e nos Animais**. Buenos Aires: Omega, 1974.
- DAMASIO, **Epistemologia pluralizada e história da psicologia**. São Paulo: scientiae zudia, v. 7, n. 2, p. 195-208, 2009.
- EIBL-EIBSFELDT, I. **Etologia**. Buenos Aires: Omega, 1974.
- ENGEL, P. **Philosophie et psychologie**. Paris: Galimard, 1996.
- FARR, R. **As Raízes da Psicologia Social Moderna**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- GIBSON, J. *The Senses Considered as Perceptual Systems*. Santa Barbara, 1974.
- GONZALEZ REY, F. Epistemología y Ontología: um debate necesario para la Psicología hoy. **Diversitas [online]**. v. 5, n.2, p. 205-224, 2009 [cited 2010-07-26].
- GREGORY, R. L. Knowledge in perception and illusion. From: Phil. Trans. R. Soc. Lond. B, p. 1121-1128, 1997.

- HAUGELAND, J. **Mind Design II**. Massachusetts: Bradford book, 1997.
- HERCULANO-HOUZEL, S. **O cérebro nosso de cada dia**. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2004.
- HILGARD, E. **Teorias da aprendizagem**. São Paulo: USP, 1966.
- HILL, W. **Aprendizagem**. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1981.
- JACOB, F. **A Lógica da Vida**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- KUHN, T. **La Structure de la Revoluition Sientifique**. Paris: Flammarion, 1983.
- LEDOUX, J. **O cérebro emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- LORENZ, K. **L'envers du Miror**. Paris: Flammarion, 1975.
- MATURANA, H., & VARELA, F. **A Árvore do Conhecimento**. São Paulo: Palas Athena, 2001.
- SKINNER, B. **Ciência e Comportamento Humano**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1993.
- TILQUIN, A. **Le Behaviorisme**. Paris: Vrin, 1950.
- ULMO, J. **La Pensée Scientifique**. Paris: Flammarion, 1958.
- WEINER, B. **Human Motivation**. London: Sage, 1992.
- WOLMAN, B. **Teorías y Sistemas Contemporâneos**. Barcelona: Martinez Roca, 1968.

[Endereço para correspondência](#)

Ricardo de Barros Cabral
E-mail: ricardocabral@globocom

Recebido em: 28/06/2010
Aprovado em: 15/08/2010
Revisado em: 16/08/2010

¹É proverbial a diferença entre epistemologias anglofônica e francofônica. Uma peculiaridade do ensino de psicologia no Brasil é o convívio, nem sempre amistoso, de culturas epistemológicas distintas, sem que haja o predomínio de uma delas. Para os que desconhecem a querela e quiserem um maior esclarecimento destas questões que não cabem neste artigo, cf: Epistemologia (BLANCHÉ, 1975). O mais importante seria reconhecer a ausência de cultivo numa linguagem em que possamos nos entender até para divergir.

²Epistemologia tem aqui [...] o significado, como em inglês, de teoria do conhecimento e não o significado francês (o qual confesso não compreendo exatamente o que significa) (Engel, 1996, p. 423).

³Todas as citações extraídas do original foram traduzidas pelo autor.

⁴Aquele que é considerado o fundador da disciplina, Wundt, distingue e separa sua psicologia fisiológica de sua psicologia das crenças, sem perder, entretanto, a esperança de reuni-las. Entretanto, foi a primeira que constituiu o quadro de referência onde se desenvolveu a psicologia moderna. Recentemente busca-se rever esta posição, o “veto positivista da obra de Wundt”. Cf: (Farr, 2008).

⁵As elucubrações de Francisco Varela e Humberto Maturana (2001) não nos interessam. São divagações sobre a atividade do organismo. Metáforas que fogem tanto ao espírito científico quanto a exigência filosófica de rigor. Seu livro (*A Árvore do Conhecimento*, 2001) mostra o quão alheio o autor se encontra da ciência moderna, uma vez que ignora a matemática. Se o estudante quiser familiarizar-se com a biologia, cf. (Jacob, 1983)

⁶Expressão colhida de Kuhn (1983).

⁷A abreviatura ‘IA’ consta no original. Sigla que designa a inteligência artificial.